

ESTUDANTES PELO COMUNISMO

6.FEV.78

★ CONQUISTAR A AEE!

★ REFORÇAR O
PARTIDO!!



Boletim interno do sector estudantil

★ COMISSÃO PERMANENTE da
COORDENADORA NACIONAL

10\$00

n.º = 18

NOTA de ABERTURA

ESTE "ESTUDANTES PELO COMUNISMO" CONSTITUI O RETOMAR DA SUA PERIODICIDADE NORMAL E PRETENDE SER JÁ ALGO DIFERENTE E QUE SE ADAPTE MAIS CONCRETAMENTE À REALIDADE DA NOSSA INTERVENÇÃO.

A PARTIR DE AGORA O "ESTUDANTES PELO COMUNISMO" PASSARÁ A SER ESSENCIALMENTE UM BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DA U.E.R. e POR ESTA RAZÃO ELE TERÁ QUE SER UMA TRIBUNA VIVA DO TRABALHO QUE DESENVOLVEMOS EM TODAS AS REGIÕES DO PAÍS E, AO MESMO TEMPO, UM ESPAÇO ABERTO AO TRABALHO DE CAMARADAS QUE NÃO ESTANDO INTEGRADOS NO NOSSO PARTIDO, MAS QUE COM ELE SIMPATIZAM E CONNOSCO PARTICIPAM NA DIRECÇÃO DAS MOVIMENTAÇÕES ESTUDANTIS; SEJAM ELAS AO NÍVEL DE CADA ESCOLA, SEJAM ELAS GLOBAIS.

O "ESTUDANTES PELO COMUNISMO" PASSARÁ A SER UM ORGÃO PARA ORGANIZAR E DINAMIZAR O DEBATE, UM ORGÃO PARA INFORMAR E FORMAR!

DESTE MODO O "ESTUDANTES PELO COMUNISMO" SERÁ, SEM DÚVIDA, O NOSSO MAIS QUERIDO MILITANTE E UM IMPORTANTE INSTRUMENTO PARA ARGUER A UNIÃO DE ESTUDANTES REVOLUCIONÁRIOS!

EDITORIAL

A SITUAÇÃO POLÍTICA e as nossas tarefas

1. A SITUAÇÃO POLÍTICA

CAMARADAS,

Vamos entrar numa nova fase da luta política no nosso País onde a formação do governo PS/CDS representa um avanço significativo da direita mais reaccionária, ela mesma interessada em substituir progressivamente o PS na direcção dos ataques ao movimento popular e na imposição duma política burguesa de subordinação ao imperialismo e de recuperação capitalista.

Na realidade a formação do II governo constitucional representa uma solução mais autoritária do que aquela que fosse conseguida na base de novas eleições gerais e representa também a incapacidade do movimento popular impôr uma alternativa completa e concreta ao avanço da burguesia, a qual servindo-se das instituições (democrático-burguesas) que criou conseguiu fazer a recomposição do bloco no Poder. Esta recomposição permitir-lhe-á agora avançar mais intensamente nas tentativas de amordaçar e reprimir as lutas dos trabalhadores pela defesa das conquistas mais significativas, mas também reprimir a luta dos trabalhadores contra a política da burguesia, não se resumindo esta a atacar e destruir as conquistas que foram conseguidas.

Um governo com o CDS que votou contra a Constituição e que bastas vezes tem defendido a necessidade da revisão constitucional, será um governo de campanha contra a própria Constituição, cujos frutos a direita pretende colhê-los a médio prazo, pois pretende minimizar definitivamente o papel da pequena burguesia, que manteve durante um certo período uma actuação forte e autónoma, e na base da qual esteve a promulgação da Constituição.

A formação deste governo com o CDS representa definitivamente a ultrapassagem da pequena-burguesia pela burguesia na liderança do Poder e é uma expressão do carácter dominante da classe burguesa ao nível geral da sociedade no sentido de concretizar a ofensiva estratégica para a reconstrução do seu aparelho de exploração, repressão e dominação no quadro de um regime democrático-burguês.

Esta situação provando a correcção das posições do nosso Partido em considerar que a democracia burguesa vai prevalecer no nosso país sobre qualquer outro tipo de regime, prova ao mesmo tempo a inviabilidade do golpe fascista, até porque a presença do CDS no governo representa a capacidade da burguesia em buscar soluções de tipo não fascista para perpetuar a sua dominação.

No entanto, a formação deste governo não representa um salto em frente na unificação dos diversos sectores burgueses, antes acarretando novas contradições no campo burguês, contradições essas que são uma expressão da crise que a burguesia atravessa. Por outro lado vamos assistir a uma alteração conjuntural da acção dos reformistas do PCP que da conciliação parlamentar passará à oposição frontal nalguns casos, desencadeando acções de massa sectorialmente e cada uma a seu tempo, impedindo formas de luta mais amplas e frontais contra este governo mais autoritária e direitista. Esta será sem dúvida uma política subordinada ao seu papel de conciliação e diálogo com a direita, cuja forma irá ser modificada porque a própria situação o exige.

O nosso III Congresso apontamos o caminho para o trabalho político de massas para a fase actual da luta de classes : a RESISTÊNCIA POPULAR ACTIVA como o caminho da luta para consolidar e alargar as várias frentes de luta do movimento popular; o caminho para unir e organizar todos os esforços dispersos e desorganizados de resistência de

maneira que nenhuma luta fique isolada; o caminho para transformar o descontentamento popular em mobilização e luta.

O nosso III Congresso define também os instrumentos para o Partido levar a cabo com êxito as tarefas da Resistência: o reforço da organização partidária em luta pelo erguer duma organização comunista que resulte da nossa própria transformação; assentar o trabalho de massas do MES na organização celular e a adopção definitiva do Centralismo Democrático; erguer frentes parciais no caminho da Frente de Massas Anti-fascista, Anti-Capitalista e Anti-Imperialista. Instrumentos bem importantes e fundamentais para a afirmação do MES como organização com objectivos estratégicos e táticos autónomos e próprios.

2. O MOVIMENTO ESTUDANTIL

CAMARADAS,

Durante as lutas contra a política educacional do governo do Dr Soares travadas no ano de 76/77, o Movimento Estudantil demonstrou capacidade de resistência e res-
posta às ofensivas mais autoritárias da burguesia. Demonstrou ao mesmo tempo possuir elementos de organização e coesão consideráveis e suficientes para derrotar a acção dos grupos de direita que actuam no movimento estudantil. As forças revolucionárias conseguiram impôr uma transformação na correlação de forças ao nível estudantil, trazendo para o campo progressista largos sectores de estudantes e isolando as perspectivas reformistas e conciliadoras que levariam as lutas abecos sem saída.

Contudo não podemos de maneira alguma afirmar que o Movimento Estudantil conserva hoje o grau de radicalização e combatividade conseguidos anteriormente. Hoje assistimos já a transformações significativas no seio do M.E., transformações essas que são ainda difíceis de analisar rigorosa e correctamente, mas que os próximos meses serão decisivos nesse sentido. No entanto podemos afirmar seguramente que o aumento da selectividade e o aumento dos ritmos de estudo se estão a processar lentamente no Ensino Superior e Médio e abruptamente no Secundário. Estes factores acarretam consigo o "virar para dentro da escola" da grande massa dos estudantes, situação que recoloca a questão dos problemas pedagógicos como um ponto ao qual os estudantes dão grande atenção. Esta questão assume, nesta fase, expressões diferentes de escola para escola, correspondentes ao grau de organização e vida democrática das estruturas estudantis em particular e das estruturas organizativas das escolas em geral.

A prática tem demonstrado que quanto maior é a dissociação estudantil da vida interna das escolas mais fácil se torna a penetração dos valores burgueses no quotidiano do estudante: o individualismo como expressão do "salve-se quem puder" para entrar no Mercado de trabalho; a "democracia" representativa que funciona segundo o critério da delegação de poderes; o que tem como consequências não só a subordinação à partidarização, mas fundamentalmente o afastamento e alheamento da grande massa em relação aos problemas da escola; a recolocação do professor no "seu devido lugar" para espelhar a hierarquia que a ideologia burguesa nos habituou.

Mesmo não avançando mais aprofundadamente nesta questão, torna-se claro que esta viragem lenta e quase imperceptível enfraquece momentaneamente o Movimento Estudantil, enfraquecimento esse que vai implicar a curto prazo uma recomposição na correlação de forças nas escolas e vai implicar necessariamente uma transformação do tipo de intervenção das forças políticas actuautes no M.E.

O novo bloco no Poder irá traçar, obviamente, uma política para repôr totalmente os aparelhos escolares sob o controle da burguesia, tanto no campo institucional, como no político e no ideológico. Iremos assistir novamente a um reforço do autoritarismo burguês nas escolas, cujas formas poderão ser mais ou menos violentas conforme a combatividade e capacidade de resistência se dotar o M.E.

Dentro deste quadro a Reestruturação no Ensino Superior será a peça fundamental da política burguesa, podendo vir a ser global e rápida como mais lenta e parcial. De qualquer forma será em torno da Reestruturação que girarão todas as pequenas medidas que eventualmente possam ser lançadas pelo futuro MEIC.

3. AS TAREFAS PARTIDÁRIAS PARA A FASE ACTUAL

CAMARADAS,

O nosso estilo de intervenção tem que sofrer transformações significativas a curto prazo por que se o não fizermos arrisca-mo-nos a cristalizar as palavras de ordem mais importantes que possuímos para a luta estudantil e a entrar num processo de definição político e organizativo que nos arredaria de influenciarmos e dirigirmos as lutas e o Movimento Estudantil.

EM FRENTE COM A III CONFERÊNCIA NACIONAL DO SECTOR

Para concretizarmos esse objectivo necessitamos de colocar como tarefa fundamental a preparação e realização da nossa III CONFERÊNCIA NACIONAL que terá de constituir um marco importantíssimo para o trabalho do nosso Partido na frente estudantil. A data da sua realização já foi marcada para os dias 29 e 30 de ABRIL.

ABRIR O NOSSO TRABALHO

£ Mas não nos podemos fechar em nós próprios. Não será assim que elaboraremos uma linha de massa e não será assim que faremos um balanço e análise do ano que decorre.

CONQUISTAR AAEE

Virar-mo-nos para o trabalho de massas, influenciando os acontecimentos em cada escola, concorrer às eleições associativas para ganhar!, isto será a base do nosso trabalho. Assentar o aprofundamento da nossa linha no trabalho de massas e articular os avanços que vamos dando com as tarefas de organização, terá que ser uma constante do nosso trabalho.

ORGANIZAR A UER

Ao trabalho de organização teremos que dar muita atenção e dedicar muito do nosso empenhamento. Organizar o Partido na frente de luta estudantil significa iniciarmos os primeiros passos na construção da UER. Este será o mais precioso contributo que daremos ao fortalecimento do Partido. Para isso é necessário iniciarmos uma campanha de recrutamento de filiados para o Sector:

CONSTRUIR A U.E.R., FORTALECER O SECTOR:

- CADA MILITANTE UM NOVO CAMARADA!

Este objectivo está perfeitamente ao nosso alcance desde que saibamos articular esta tarefa com o nosso trabalho de massas e medir a cada momento quem é que está apto a ser chamado ao trabalho organizado do nosso Partido.

(o próximo EpC dará mais indicações sobre este objectivo)

ORGANIZAR E DIRIGIR O TRABALHO UNITÁRIO

Organizar o trabalho unitário no ensino secundário e superior, dirigir e trabalhar conjuntamente com camaradas revolucionários não enquadrados partidariamente é uma responsabilidade que contraímos na luta estudantil. Erguer os instrumentos organizativos e políticos é pois uma tarefa dos estudantes do MES. Para dinamizar e apoiar este trabalho temos que empenhar grandes esforços no jornal "PEGAR PELA RAIZ" e na montagem de estruturas de apoio em todas as regiões de trabalho, e fazer acompanhar esse trabalho com o lançamento de jornais regionais ou de localidade.

A Comissão Permanente da Coordenadora Nacional decidiu também da criação dum instrumento importantíssimo para globalizar os avanços que vamos dando neste terreno frentista, o que deverá ser oportunamente divulgado às estruturas. Portanto, camaradas, atenção às novidades!! Esse instrumento será um impulso decisivo para avançarmos na unificação e organização dos revolucionários que dirigem o Movimento Associativo: a CAR.

CONGRESSO DAS ECONOMIAS

Dinamizar e dirigir a importante realização que terá de constituir o I Congresso de Economia e Ciências Sociais, no seguimento do Encontro Nacional de DDAEE de Economia, Ciências Sociais, Contabilidade e Administração realizado em Novembro último. Este Congresso deverá realizar-se antes de meados de Abril.



Estas são as nossas tarefas para a fase que se abre e para o período que decorrerá até à nossa 3ª Conferência. Objectivos bem simples que a serem alcançados se rão sem dúvida um grande impulso para o reforço dos revolucionários nas escolas e em particular do nosso Partido.

ORGANIZAR E ALARGAR O SECTOR!
ORGANIZAR O TRABALHO UNITÁRIO!
DIRIGIR AS MOVIMENTAÇÕES ESTUDANTIS!

VIVA O III CONGRESSO!
VIVA O M.E.S.!

DECISÕES da última reunião CP/CN OBTEM FREQUENTE COM A III CONFERÊNCIA !!

A actividade do Sector Estudantil do nosso Partido, durante o primeiro período de 77/78 revelou algumas lacunas importantes que dizem respeito em especial, à capacidade de direcção da Comissão Permanente, ao poder de reprodução das células, e de um modo mais geral à definição das linhas mestras da intervenção do MES nas escolas.

Foi para a compreensão destas lacunas e para a procura de algumas formas de solução que a CP/CN dirigiu na última reunião a sua atenção.

O Estudantes pelo Comunismo que hoje recebe é já um pouco a expressão de uma via diferente no tocante aos métodos de trabalho utilizados. Mas isto não chega. É preciso levar mais fundo a batalha contra as práticas incorrectas no nosso seio e ao mesmo tempo avançar na elaboração política que dará corpo à nossa intervenção.

E para realizar a síntese dos avanços que conseguimos, sem dúvida que o espaço ideal é a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS ESTUDANTES DO MES. Espaço de confronto, espaço de discussão e decisão, a Conferência Nacional deverá ser o momento alto da vida do sector ano a ano na marcação dos limites e guias para a nossa acção.

Mas para que possa cumprir estes objectivos a Conferência não pode ser realizada em Junho, em plena época de exames e no final do ano lectivo, sob pena de se tornar de elemento vivo que desejamos que seja, em estrutura apagada de coordenação e de ponto de encontro extemporâneo das posições que se reflectam no seio do Sector.

Tendo em conta estes factores a CP/CN decidiu marcar para os dias



29 e 30 de ABRIL a III CONFERÊNCIA NACIONAL,



num primeiro esforço para progressivamente antecipar em cada ano a sua realização.

Mas não basta marcar a data. É preciso ter a consciência dos passos in termédios que deveremos dar para que ela se realize com êxito. Assim:

PRIMEIRO: Com este "EpC" será enviado um INQUÉRITO a todas as estruturas, que deverá estar preenchido e metido no correio até dia 27 de FEVEREIRO como data máxima. Só a análise dos dados que recolermos nos permitirá partir para a elaboração mais rigorosa da nossa linha táctica. O conhecimento exhaustivo do meio em que se processa a nossa intervenção é indispensável!

ATÉ 7 de FEVEREIRO INQUÉRITOS PREENCHIDOS E ENVIADOS!!

SEGUNDO: No espaço que medeia entre a saída deste "EpC" e 20 de Fevereiro, haverá deslocações aos nossos núcleos de trabalho, da responsabilidade dos membros da CP/CN. Desta forma os camaradas de Lisboa deslocar-se-ão a:

BEJA, ESTREMOZ, PORTALEGRE,
CASTELO BRANCO; CALDAS,
ENTRONCAMENTO, SANTAREM.

os camaradas de Coimbra deslocar-se-ão a:

LEIRIA
TOMAR

o camarada de Aveiro deslocar-se-a aos núcleos da Beira Litoral;

os camaradas do Porto e Viana do Castelo deslocar-se-ão aos núcleos do MINHO, LAMEGO, CHAVES e VILA REAL.

Os núcleos receberão a data precisa das deslocações com a antecedência mínima para haver alguma preparação dos encontros, especialmente através da selecção dos pontos mais importantes para discussão.

TERCEIRO: Até ao dia 15 de Março sairão as teses programáticas cuja redacção é da responsabilidade da CP/CN

QUARTO: de 15 de Março até 21 de Abril todas as estruturas deverão dar a máxima atenção às teses, discutindo-as, apresentando alterações e alternativas.

Durante este mesmo período realizar-se-ão algumas Conferências Regionais em locais a definir pela CP/CN ou mesmo por iniciativa das estruturas, como forma de preparação alargada às regiões da nossa III Conferência.

QUINTO: 29/30 de ABRIL: III CONFERÊNCIA NACIONAL DOS ESTUDANTES DO MES (local por definir)

ⓑ CONQUISTAR A AEEE !!
DEBROTAR A DIREITA !!

Com o governo PS/CDS acentuar-se-à a política, que Cardia vinha já conduzindo, de ataque frontal aos avanços dados na organização e nos processos pedagógicos das escolas. Esta situação se por um lado pode favorecer a intervenção dos revolucionários, por outro pode atemorizar camadas importantes dos estudantes na sua disposição para a luta. É aqui que cabe decisivamente o Movimento Associativo (AAEE, Comissões de Curso, comités de Turma...) que deverá ser o núcleo aglutinador dos estudantes para quem o quotidiano escolar se torna mais difícil e alienante. Chamá-los ao trabalho, uni-los em volta de programas de trabalho progressistas tem que ser a nossa tarefa. Não podemos abdicar da luta pelas AAEE, não podemos pôr de lado a nossa participação nas eleições a realizar. Dinamismo e iniciativa têm que ser as nossas armas fundamentais.

Aos ataques que se fazem prever, tem que ser o Movimento Associativo a dar uma resposta. Para que essa resposta seja consequente temos que intervir decididamente sob pena de deixar tão importante espaço político nas mãos quer das forças reaccionárias de direita e extrema-direita, quer das forças reformistas.

O NOSSO PRINCIPAL OBJECTIVO PARA O MOMENTO ACTUAL TEM QUE SER A CONQUISTA DAS DIRECÇÕES ASSOCIATIVAS !

Mas para intervirmos com êxito é necessário não aplicar palavras de ordem que não vão de encontro quer aos problemas mais sentidos pelos estudantes ou palavras de ordem que esvaziem de conteúdo as nossas propostas e perspectivas para a luta estudantil. Temos os nossos princípios definidos; e é em torno deles que deveremos tomar a iniciativa para a formação de listas para vencer as eleições associativas que se avizinham em muitos locais do nosso País.

PARA ISSO É PRECISO:

- * saber traçar um Programa e uma linha de intervenção que não traíndo os nossos princípios e objectivos se saiba adaptar as condições concretas de cada escola!
- * saber encontrar o esquema correcto de alianças com base no princípio "nunca dar a vitória à direita pela divisão da esquerda", garantindo a autonomia das nossas posições!

O Programa de Trabalhos com que nos devemos candidatar deve basear-se nos seguintes pontos:

- A defesa das AAEE como amplas estruturas democráticas unificadoras dos estudantes em cada escola na luta contra a sua reconversão capitalista, na luta contra a repressão e o fascismo;
- A defesa das AAEE como estruturas intervenientes no próprio conteúdo do ensino através de um trabalho cultural ideológico;
- A defesa das AAEE como estruturas dinamizadoras da unidade, de convívio, do desporto, entre os estudantes como forma de reforçar a sua solidariedade;
- A defesa das AAEE como estruturas que estabeleçam relações de cooperação militante com todas as estruturas sindicais, órgãos unitários de base, associações culturais, etc, que lutam por uma sociedade livre de todas as formas de exploração de forma a integrar o estudo escolar na realidade social e na luta dos trabalhadores;
- A defesa intransigente dos seguintes princípios:
 - § da representatividade e da unicidade - contra o "pluralismo",
 - § da democraticidade,
 - § do apartidarismo e da arreligiosidade,
 - § do anti-fascismo e do anti-imperialismo;
- A defesa da autonomia das AAEE face ao Estado, eleitas democraticamente (com base em programas e estatutos) e só revogáveis pelas massas estudantis;

Temos que completar este quadro geral dos nossos princípios com as questões mais concretas e que o ano que decorre as colocou como importantíssimas. Por isso é necessário que nos viremos para o tratamento de questões que neste momento se tornam prementes, nomeadamente os aspectos de ordem pedagógica, os exames, os tempos livres, as fontes de alienação e as suas formas, saber despertar nos estudantes o interesse pelas actividades de carácter cultural que preencham o vazio criado por um dia-a-dia embrutecedor na escola e fora dela. O tratamento destas questões tem de ser acompanhado por um tipo de linguagem que não determine à partida resistências ao nosso próprio discurso. O nosso discurso ideológico terá, em muitos momentos concerteza, que se tornar numa linguagem viva e criadora. Não nos podemos refugiar no dogmatismo. Saber fazer o discurso político sem o recurso aos "chavões" habituais tem que ser um objectivo intermedio se realmente pretendemos chegar junto a camadas mais vastas de estudantes.

Assim, como palavras de ordem gerais apontamos:

- .POR UMA AE FORTE E LIGADA AOS ESTUDANTES!
- .POR UMA AMPLA PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA VIDA ASSOCIATIVA!
- :CONTRA O CONTROLE E O SECTARISMO - UNIDADE E LUTA!
- :CONTRA A POLÍTICA DE DIREITA DO MEIC - UNIDADE E LUTA!
- .POR UM ENSINO CRÍTICO, CIENTÍFICO E LIGADO À PRÁTICA!
- .UNIR OS ESTUDANTES ÀS LUTAS DOS TRABALHADORES!
- :ESTUDANTES TRABALHADORES A MESMA LUTA!

No ENSINO SECUNDÁRIO a batalha principal é a de bater política mente a direita. A situação nas várias escolas do secundário é muito variável e a correlação de forças também. No entanto é possível apresentar um PROGRAMA que abarque as seguintes frentes e que complete o exposto atrás:

- * frente cultural e pedagógica- POR UMA ESCOLA CRÍTICA, ABERTA E FORMATIVA!
 - . partir do quotidiano e dos problemas estudantis para reivindicar:
 - um estudo ligado à prática e ao trabalho; uma formação crítica, ligada à realidade social; uma autonomia pedagógica total; liberdade de movimentos e solidadriedade entre colegas (pondo em causa o sistema de faltas, o controlo de entradas e saídas para os alunos da escola; o individualismo e a competição dentro e fora das turmas)
- * frente democrática e anti-fascista- PELA PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL NA VIDA DA ESCOLA!
 - POR UMA PRÁTICA DEMOCRÁTICA DE TODOS OS SEUS HABITANTES!
 - lutando pela liberdade de expressão e de reunião, pela autonomia escolar face ao MEIC, contra a violência fascista
- * frente de luta contra a selecção de classe e elitização do ensino- NÃO À SELECÇÃO-DE CLASSE! ACESSO LIVRE À UNIVERSIDADE!
 - combatendo e denunciando os exames de aptidão, os numeros clausus, os métodos selectivos de ensino...

AS ALIANÇAS POLÍTICAS A ESTABELECEM

Não poderemos nunca abdicar dos pressupostos políticos que dão corpo à acção sob risco de perdermos a nossa própria referência teórica, ideológica e política. FIRMEZA NOS PRINCÍPIOS, MALEABILIDADE NO TERRENO, tem que ser o nosso lema.

Maleabilidade no terreno que muitas vezes será posta à prova na definição das alianças a fazer. Alianças que não poderão pôr em perigo os grandes princípios que defendemos, mas que terão que ser estudadas local a local, de acordo com a correlação de forças, da nossa influência, do maior ou menor perigo que a direita fascista represente.

Se na maior parte das escolas do ensino secundário o grande combate a travar é contra os grupos de direita ou nazis, o que significa que deveremos promover alianças suficientemente amplas indo mesmo até sectores da JS, já noutras escolas os combates poderão ser principalmente travados com a UEC ou mesmo com a UJCR, o que altera radicalmente o trabalho de alianças, que se centrará sem dúvida em chamar para o nosso lado alguns sectores de independentes e estreitarmos a nossa influência sobre as nossas orlas dirigindo-as correctamente. De qualquer forma o trabalho de unidade revolucionária com base em plataformas nossas deve ser sempre uma constante do nosso trabalho e em qualquer situação, fazendo acompanhar esse trabalho com um outro: o da unificação e organização dos revolucionários sem partido. As batalhas eleitorais são um optimo momento para reforçarmos esta direcção da nossa intervenção!

Portanto, camadas, os nossos objectivos são claros, os nossos instrumentos também: é preciso iniciativa e entrar a fundo nas batalhas eleitorais. Disso depende em grande parte a nossa afirmação como força responsável dentro das escolas, disso depende também a orientação correcta do M.A. na definição das suas principais linhas de intervenção!

Daqui decorre a necessidade de todas as estruturas enviarem para o Estudantes pelo Comunismo os seus testemunhos e opiniões sobre a nossa política para as batalhas associativas e enviarem ao mesmo tempo uma informação sistematizada e rigorosa sobre os resultados eleitorais das nossas listas e das outras forças.

EM FRENTE COM A PARTICIPAÇÃO NAS BATALHAS ELEITORAIS PARA AS AARE!
 CONCORRER ÀS ELEIÇÕES PARA VENCER! REFORÇAR O M.A. e o M.E.!!
 ATRAVER-SE A LUTAR É COMEÇAR A VENCER!

DEBATE SOBRE A U.E.R.

Estes dois textos que apresentamos resultam da discussão havida no SEORL sobre estatutária. O primeiro é da responsabilidade de um camarada e representa uma posição divergente à que apareceu no EPC 17 da responsabilidade da C.P./C.N. O segundo texto é de certo modo um resumo da discussão havida no interior do SEORL.

TEXTO n.º 1

A necessidade de construção da U.E.R. (União dos Estudantes Revolucionários), surge de dois pressupostos políticos:

- 1- Necessidade de alargamento das fileiras dos militantes revolucionários organizados em luta contra o capitalismo no meio estudantil.
- 2- Reconhecimento do carácter específico e autónomo do Movimento Estudantil.

A U.E.R. deve ser pois uma organização autónoma (não filiada no MES) que vai englobar para além dos militantes do MES, militantes revolucionários estudantis que se encontram dispersos e que não estão dispostos a se filiarem no Partido.

Assim a U.E.R. deve ir ao encontro de importantes sectores de estudantes de vanguarda que existem nas Escolas, que trabalham segundo as nossas perspectivas para o M.E. que estão dispostos a uma intervenção organizada, mas que não estão dispostos a submeterem-se à disciplina de uma organização comunista, e/ou não concordam ou assumem, a sua linha política global de luta nos diversos sectores de intervenção.

Assim a U.E.R. deve estar voltada para o enquadramento partidário dos estudantes de vanguarda que :

- 1- Não estão dispostos a submeter-se a uma disciplina "férica".
- 2- Concordam com a nossa linha de intervenção anti-capitalista nas escolas.
- 3- Não assumem ainda a linha política global do MES.

Para além da concordância, na generalidade, com a nossa linha de intervenção anti-capitalista nas escolas, esses elementos de vanguarda deverão aceitar um conjunto de princípios políticos que serão basicamente os seguintes:

- 1- Aceitação do Programa da Revolução Socialista;
- 2- " da necessidade de construção do Poder Operário e Popular;
- 3- " da necessidade de construção de um Partido Revolucionário da Classe Operária;
- 4- Aceitação do Internacionalismo Proletário.

Por outro lado o factor dos estudantes revolucionários que vamos enquadrar na U.E.R. não estarem dispostos a aceitar uma disciplina partidária, não significa que na U.E.R. não haja qualquer disciplina.

A U.E.R. deve reger-se pelos princípios do centralismo democrático entendido como método de organização flexível, e como garante da democraticidade interna e da centralização de decisões. O que significa que todo o militante da U.E.R. terá de cumprir as tarefas colectivamente decididas.

AUTONOMIA DA U.E.R.

A U.E.R. deverá ter autonomia política e organizativa face ao M.E.S.. O que quer dizer que a U.E.R. terá as suas estruturas de base e de direcção próprias, e que serão elas (independentemente das posições do Partido) a definir a posição política a tomar pela organização.



Os militantes do MES intervirão no seio da U.E.R., para que as posições políticas do Partido saiam vitoriosas, mas isso será feito através da discussão democrática e não por qualquer imposição administrativa do tipo de vincular a U.E.R. a defender todas as posições políticas do MES.

Assim, por hipótese, com este funcionamento autónomo e democrático, a U.E.R. poderá vir a tomar posições divergentes das do MES, não só sobre a intervenção nas escolas, como também de posições políticas mais gerais.

Só assim será garantida a democracia e a autonomia política e organizativa da U.E.R. Só assim poderemos trazer para o seu seio importantes sectores de estudantes revolucionários agora dispersos.

A partir do momento em que assentarmos numa organização deste tipo, temos de aceitar um pressuposto que é o da manutenção das células partidárias do Mes e das direcções partidárias do MES para o sector estudantil.

Só assim o Partido conseguirá lutar consequentemente pela hegemonia na U.E.R. Toda a actividade dos militantes do MES na organização autónoma deverá ser discutida nas células do Partido e ser decidida nos secretariados do sector estudantil. Por outro lado, as células do Partido terão de preencher todas as tarefas mais gerais como qualquer membro do Partido.

O enquadramento de novos camaradas do MES terá de ser feito pelo chamamento de camaradas que na U.E.R. venham assumindo a linha política global do Partido, e que estejam prontos a submeter-se a uma disciplina mais forte e a preencher um maior número de tarefas.

O QUE DISTINGUE A ORGANIZAÇÃO AUTONOMA DA ORGANIZAÇÃO FRENTISTA

Do atrás exposto poderá parecer que o tipo de organização proposto para a U.E.R. se aproxima em muito de uma organização frentista. Tal não é verdade, porque existem dois grandes pressupostos que distinguem a organização autónoma atrás especificada da organização de tipo frentista:

1- O facto de se aceitar um programa claramente anti-capitalista e um conjunto de princípios políticos que vinculam os membros da U.E.R. a defender o programa da Revolução Socialista.

2- O tipo de disciplina. A U.E.R. tem uma disciplina que assenta nos princípios do centralismo democrático, e que não pode confundir-se com o tipo de disciplina de uma organização frentista, que apresenta uma fraca coesão interna.

COMO CONSTRUIR A U.E.R.

A construção da U.E.R. deve assentar no ensino secundário nos CUB's e no superior nos núcleos da C.A.R. e nos núcleos de simpatizantes.

Para tal devemos apresentar aos elementos de vanguarda que simpatizam com a nossa linha de intervenção para as escolas, um conjunto de princípios políticos e de eixos de intervenção a partir dos quais assentaremos a construção da U.E.R. Mais tarde apresentar-se-á um programa mais completo que deverá ser discutido por esses camaradas, e que deverá ser aprovado no todo ou em parte no Congresso de fundação da U.E.R.

No congresso de fundação da U.E.R. poderão aparecer outros programas alternativos desde que estejam de acordo com os princípios atrás enunciados. Também nele se fará a eleição da direcção da U.E.R., sem que o MES tenha por direito próprio um número x de lugares. Inclusivamente dada a autonomia da U.E.R., os militantes do MES poderão ficar em minoria na direcção da U.E.R., o que não significa como é evidente, o impedimento da luta pela hegemonia no seu seio.

TEXTO n.º 2

-----DISCUTIR ORGANIZAR LUTAR -----

1. INTRODUÇÃO

Tiveram todos os camaradas acesso a um importante documento da CP/CN transcrito no EPC n.º 7 sobre a UER, a sua necessidade e importância política. A sua discussão de aprofundamento começou na reunião do SEORL com os Secretariados de Células em 20/10/77 e materializou-se na elaboração deste pequeno texto do SEORL que pretende simplificar a discussão necessária nas células, organizá-la dando-lhe objectivos precisos e clarificar os pontos onde se centram as diversas opiniões e concepções, tentando assim levar a discussão para um caminho seguro de aprofundamento do documento da CP/CN.

2. U.E.R. - DUAS OPÇÕES

Da discussão permitiu-se concluir que existem basicamente duas posições face ao que deve ser a UER: a) organização autónoma para o trabalho estudantil do M.E.S. b) organização frentista.

A primeira posição defende a necessidade de o M.E.S. criar um instrumento próprio para o trabalho estudantil dotado de autonomia organizativa, portanto de carácter mais aberto do que a actual estruturação organizativa (este carácter é-lhe dado pela sua posição face às massas), mas estritamente dirigida pelo Partido.

De acordo com esta concepção a U.E.R. organizar-se-ia pelos princípios do centralismo democrático, devendo tornar-se uma "escola de comunistas" sendo portanto aberta a todos os simpatizantes do comunismo e que aceitem a direcção política do MES.

Para esta posição a questão da construção da UER não significa que não exista a necessidade de dar correctamente e urgentemente os primeiros passos no sentido de criar instrumentos frentistas, para os quais a CAR poderá ser o primeiro.

Para a segunda posição tenderam camaradas com posições diferentes quanto ao conteúdo e forma da organização frentista.

a) camaradas defenderam a UER como organização que incluiria activistas que aceitassem os quatro pontos referidos no texto anterior (Aceitação do programa da Revolução socialista, etc.).

Ou seja, uma organização que juntasse a necessária flexibilidade para abarcar muitos revolucionários ainda sem Partido a objectivos políticos bem precisos. Para esta posição o carácter autónomo da UER deve entender-se não só do ponto de vista organizativo mas também e sobretudo ao nível político. Assim os militantes do MES lutarão pela hegemonia e direcção política no seio desta estrutura frentista.

b) outra posição definia-se pela necessidade da UER ser uma organização para a acção anti-capitalista nas escolas agrupando não só os comunistas e revolucionários nas escolas mas também todos aqueles que fora do reformismo lutam contra o autoritarismo capitalista. Esta posição considera limitativos os quatro princípios referidos na alínea a) defendendo uma maior abertura da organização. Por detrás desta posição encontra-se uma análise segundo a qual o M.E. encontrar-se-ia numa profunda viragem à qual só poderia responder consequentemente uma organização ampla de carácter frentista dirigida pelas estruturas estudantis do MES.

3. ABARCAR OUTRAS FRENTES DE TRABALHO QUE RESPONDAM À FASE ACTUAL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

A actual fase de democracia burguesa limitada, o avanço do autoritarismo capitalista, o virar dos estudantes para o estudo colocam questões novas à intervenção revolucionária nas escolas. Só uma organização que souber fazer uma análise científica da realidade, que defina uma linha clara e um programa e que tenha uma táctica que leve em conta as novas características dos processos políticos internos às escolas poderá sobreviver, ultrapassar a acção grupuscular e assumir uma posição de vanguarda.

Esta é uma análise genérica comum às diversas posições sobre a UER, sendo cada proposta uma diferente tentativa de responder correctamente à análise comum, a qual aliás



não se encontra ainda suficientemente aprofundada e que deve ser discutida pelas células como base de trabalho.

4. FAZER RELATÓRIOS DE DISCUSSÃO-PRÁTICA NECESSÁRIA

A prática do relatório escrito deve ser comum a toda a nossa acção e assume uma importância fundamental para o aprofundamento da discussão sobre a UER. Esta discussão não deve circunscrever-se à acção da célula, deve ultrapassar o parcial e colocar-se em termos globais abrindo assim possibilidades para os relatórios das células serem transcritos no EpE para discussão em todo o Sector.

EM FRENTE COM AS METAS PARCIAIS PARA ERGUER A U:E:R!

APROFUNDEMOS O DEBATE EM TORNO DESTE NOSSO OBJECTIVO!

QUE MIL DEPOIMENTOS FLORESÇAM!

DO TRABALHO DO PARTIDO NO M.E.

"O TRABALHO DO NOSSO PARTIDO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL" passará a ser uma secção específica do nosso EPC. Com isto pretende-se pois sistematizar todos os elementos que melhor exprimem o trabalho que vamos desenvolver e intensificar, de forma diferente, todo um trabalho de troca de experiências entre as diversas regiões da nossa implantação. É uma secção que se destina a todas as estruturas e nela caberão tanto as pequenas notícias, como a informação mais detalhada e desenvolvida que as estruturas achem por bem enviar à CP/CN. Isto exige que cada estrutura designe um correspondente do EPC. A abertura desta secção tem também o objectivo de não esquecer os camaradas que simpatizam com o nosso trabalho e que se servem do nosso boletim como um orientador para a sua luta: para esse camaradas torna-se imperioso proceder a uma informação rigorosa, séria e viva do nosso trabalho na frente de luta estudantil.

MINHO

A Coordenadora do Minho, após o nosso III Congresso retomou de forma intensa a sua actividade estando novamente a reunir regularmente, o que a partir de agora passará a acontecer mensalmente. Este esforço vem no seguimento do balanço do trabalho realizado no último trimestre e corresponde ao empenhamento necessário para transformar a Coordenadora num suporte político e organizativo ao nosso trabalho nesta importante região.

Neste sentido vai realizar-se este ano o II Encontro de Estudantes e Professores do Minho que se enquadrará também no plano de preparação da III Conferência Nacional.

Outros pontos do plano de actividades merecem a nossa atenção: divulgar o "Pegar pela Raiz", consolidar o jornal "Pontos nos III" de Guimarães e avançar na formação de grupos de apoio ao jornal "PPR". Ao nível de professores ficou decidido o lançamento dum jornal que em princípio se designará "Escola Socialista" e irá iniciar-se um profundo trabalho de organização partidária no sentido de cobrir um grande número de escolas.

O nosso trabalho nesta região assume características significativas e extremamente positivas em alguns núcleos. Assim:

MERELIM-BRAGA:- há fortes possibilidades de criar uma célula no Liceu Sá de Miranda em Braga, a qual sofrerá um impulso fundamental com o chamamento ao nosso Partido de camaradas que simpatizam com o nosso estilo de trabalho. Na Escola de Enfermagem em Braga o nosso objectivo é também criar, a curto prazo, uma célula.

FAFE:- o trabalho partidário nas escolas é essencialmente assegurado por camaradas professores. Contudo existem boas possibilidades no trabalho estudantil onde estamos bem colocados para erguer uma AE na Escola Secundária, através dos delegados de turma.

GUIMARÃES:- o nosso trabalho continua centralizado no jornal "PONTOS DOS II", estando muitos camaradas novos a trabalhar nele. Entretanto realizaram-se as eleições para a AE do Magistério, às quais concorreram duas listas: uma do MES e outra da JC, tendo esta vencido. Esta nossa derrota deve-se, por um lado, a um deficiente trabalho dos nossos camaradas e, por outro, ao facto de a direita se ter candidatado este ano, ao contrário das eleições anteriores. A anterior Direcção era do MES.

Contudo durante este processo conseguimos mobilizar alguns camaradas que começaram a trabalhar connosco estando alguns deles a aderir orgânicamente ao nosso Partido.

VIANA DO CASTELO:- realizaram-se recentemente eleições para a AE da Escola Técnica. Apenas concorreu uma lista composta por camaradas sem filiação partidária (ex-MUP). Dentro destes existem alguns que são susceptíveis de serem chamados ao trabalho organizado com o nosso Partido.

Brevemente realizar-se-ão eleições para a AE do Magistério Primário, estando os nossos camaradas a preparar activamente este processo. Contamos com vários camaradas não enquadrados partidariamente mas que conseguimos influenciar politicamente, o que abre fortes perspectivas para aparecer uma só lista no acto eleitoral. Com este processo a formação da célula estudantil sofre um vigoroso impulso.

Barcelos:- devido ao facto de alguns camaradas terem terminado o Ensino Secundário, o nosso trabalho encontra-se numa fase de reorganização.

COIMBRA

As estruturas partidárias do Sector prepararam activamente os processos eleitorais para as Assembleias de Representantes em algumas faculdades. Naquelas em que intervimos lutámos pela constituição de listas unitárias: nas faculdades de Ciências, Letras e Direito.

Em LETRAS após várias tentativas de colocar a UEC na lista, esta acabou por vir a ter uma posição de boicote que a levou a separar-se e a apresentar uma lista claramente referenciada à sua linha. A nossa actuação e a das outras forças empenhadas no processo demonstrou-se um tanto frágil pois não houve a capacidade de apresentar uma lista alternativa. Do ponto de vista de organização partidária há a realçar o esforço organizativo coroadado de êxito cuja expressão é a formação da célula do MES nesta faculdade.

Na faculdade de DIREITO os nossos camaradas tomaram a iniciativa de constituir lista unitária que agrega as seguintes forças: MES, UEDS/FO, UJCR, um elemento do PRP e alguns independentes. Inicialmente tinha-se posto a hipótese de formação duma lista com a participação da UEC, mas os acontecimentos ligados à formação de listas não permitiram a sua concretização. A direita deverá apresentar-se dividida: listas da JSE e da JC.

Também nesta faculdade estamos fortemente empenhados na formação de uma célula, estando já numa fase adiantada de formação.

ELEIÇÕES PARA A DIRECÇÃO GERAL DA A.A.C.

São já no dia 16 de Fevereiro as eleições para a DGAAC. O prazo de entrega de listas termina no dia 3. Face à importância destas eleições a CP/CN na sua última reunião de 21/1/78 debateu este problema após ser informada pelos camaradas responsáveis de Coimbra quanto às condições e situação actual que se vive naquela Academia.

O nosso Partido encontra-se empenhado desde algum tempo a preparar estas eleições, na qual a convocação de reuniões partidárias bilaterais, por nossa iniciativa, assumem papel importante. Essas reuniões tinham como objectivo o "apalpar o terreno" e medir as intenções e objectivos das outras organizações. As reuniões que tiveram lugar na nossa sede, realizaram-se sucessivamente com a UJCR, a UEDS, a UEC e grupos trotskistas.

A UEC mostrou-se na disposição de apresentar lista própria ("lista unitária de esquerda"). Quanto às outras forças ficou mais ou menos explicito, conforme os casos, a sua disposição de apoiarem uma candidatura de Unidade.

Estas eleições pela importância de que se revestem e pela necessidade que te

mos em transformar o nosso estilo de trabalho nesta Academia, têm que ser encaradas por nós numa forma diferente que até aqui temos utilizado.

Para estas eleições o nosso objectivo fundamental é o de impedir que a direita vença as eleições e se instale na DGAAC;

De acordo com isto teremos que participar numa lista para ganhar e que nos permita (no caso de vencer) desenvolver um trabalho partidário na Academia, que preserve a autonomia face às posições e trabalho da própria DG, seja um forte instrumento para o nosso alargamento e reforço da nossa implantação;

Uma vez que estão goradas (ou quase totalmente) as hipóteses de a UEC aceitar uma integração sua numa lista unitária ampla, o trabalho dos nossos camaradas terá que ser fundamentalmente virado para chamar os independentes de prestígio a um projecto de lista de unidade ampla, levando-os a participar numa lista conjunta com o nosso Partido, os elementos da UEDS, ea UJCR. A UJCR será de facto um grave empecilho à concretização desta lista; face a estas questões a nossa tarefa é a de impedir que esta organização apresente uma lista separada e obrigá-los a integrarem-se no nosso projecto de lista mas com uma condição: somos nós e os independentes que elaboramos o programa e que escolhemos os próprios elementos da UJCR que participarão na lista. Esta condição baseia-se não só nos resultados do ano passado, mas também no facto da UJCR possuir alguns membros perfeitamente desacreditados e desprestigiados ao nível de massas, e que são precisamente os seus elementos mais responsáveis

BEIRA LITORAL

Nesta importante região do nosso trabalho estudantil, não se sentiram desenvolvimentos significativos, notando-se em alguns casos um certo afrouxamento do trabalho partidário. Contudo continuam a existir boas condições para nos afirmarmos.

Neste sentido é de realçar a quase formalização de célula na UNIVERSIDADE de AVEIRO, a qual possuirá dentro em breve boas condições para se desenvolver e trabalhar ao nível de massas.

No Magistério Primário vai haver dentro em breve eleições para a AE, onde iremos influenciar e participar numa lista unitária que consiga derrotar a direita.

Já se encontra no Porto para ser reproduzido o jornal distrital de juventude "DESPERTAR" que será um forte instrumento organizador e de alargamento do nosso trabalho no ensino secundário.

No LICEU a lista apresentada pelo CDS/PDC ganhou as eleições para a AE contra uma lista unitária (MES+UEC+UJCR). A lista vencedora teve 600 e poucos votos e a derrotada 400 e tal. É de realçar que a direita se apresentou dividida às eleições pois a JSD apresentou lista própria. Disto se conclui que o trabalho da lista unitária foi deveras insuficiente. A anterior direcção já era do CDS.

Na ESCOLA SECUNDÁRIA as forças progressistas e revolucionárias e em particular o nosso Partido sofreram uma pesada derrota, ao verem uma lista de UNIDADE ser derrotada por uma lista fascista. Esta AE era desde há 3 anos a esta parte hegemónizada por forças de esquerda, e no último ano era o nosso partido quem a dirigia.

Na ESCOLA TÉCNICA E COMERCIAL vai haver brevemente eleições para a AE. O nosso Partido apresentará uma lista na qual se integrarão elementos da JS. Existirão também uma lista de direita e uma outra inqualificável politicamente. Há fortes possibilidades de conquistarmos esta AE que era de direita.

NOTA IMPORTANTE: até à data não recebemos nenhuma informação ou notícia escrita de outras regiões do nosso trabalho. No próximo "EpC" contamos informar sobre o desenvolvimento do nosso trabalho noutras partes do País.

LISBOA

Nesta região o nosso trabalho neste momento centra-se nas eleições para as Assembleias de Representantes nas escolas superiores. Deste modo intervimos nos processos nas escolas mais importantes, estando os resultados a chegar até nós há hora que o EpC entra nas máquinas:

ISE concorreram quatro listas MRPP-99 votos; 1 lugar
JSD -425 " ; 7 lugares
UEC -545 " ; 10 "
MES/UDP/IND. -666 ; 12 "

ESTUDANTES PELO COMUNISMO: 18

14/1

Estas eleições decorreram num momento em que a escola discutia um problema muito importante para o seu futuro enquanto escola progressista e que tem alcançado vitórias importantes sobre a política do MEIC: o problema da avaliação de conhecimentos. As ameaças por parte do MEIC intensificam-se não em termos de medidas concretas, mas em termos de esperar "pacientemente" que se cometa algum erro que seria um pretexto para o MEIC intervir. Daí que a actuação irresponsável de algumas forças seja uma constante nestas alturas, irresponsabilidade essa que ao nosso Partido tem tido a capacidade de rechaçar e esmagar correctamente. Como a descrição e análise política nos ocupariam bastante espaço guardaremos a sua reprodução para o próximo número do "EpC", no qual a célula do ISE apresentará um balanço destas eleições e equacionará o problema da avaliação de conhecimentos e de outros problemas pedagógicos daquela nossa importante escola, assim como apresentará as nossas perspectivas para a próxima batalha que se avizinha que são as eleições para a Associação de Estudantes.

Faculdade de LETRAS. Nesta faculdade o nosso Partido dinamizou a formação duma lista unitária, na qual vieram a participar a UJCR, trotskistas e independentes. A nossa célula mostrou algumas insuficiências na direcção da campanha eleitoral tendo deixado que a UJCR o fizesse mesmo duma forma exterior à própria coordenação da lista. No entanto os resultados são francamente animadores, apesar da UEC se mostrar com força considerável e não seja previsível, no actual quadro, perder repentinamente a influência que tem.

Concorreram cinco listas: UEC-970 votos; 11 lugares

JSD-830 votos; 10 lugares

MES/UJCR/IND-581 votos; 6 lugares

JS-190 votos; 2 lugares

MRPP- ; 1 lugar

Esta é uma escola à qual o SEORL decidiu como prioritária quanto à nossa intervenção que terá que ser reforçada, na continuação do alargamento organizativo que impulsionamos. Neste momento estão já a trabalhar connosco 7 camaradas filiados. Também no próximo "EpC" obalanço destas eleições e perspectivas para a AE a elaborar pela nossa célula de LETRAS, será divulgado.

No I.S.Técnico, escola onde a nossa aliança tradicional com a UJCR ainda se mantém, também a nossa célula está presente nestas eleições numa lista conjunta com esta organização e com alguns elementos sem partido. Para além desta lista concorrem mais quatro: CDS; JSD; JS; e UEC. Em relação à lista do ano passado e no aspecto da correlação entre nós e a UJCR nota-se uma situação mais favorável para nós o que significa também certas dificuldades que aquela organização atravessa naquela escola por ausência de bons quadros.

No ISCTE, onde o nosso trabalho se encontra numa fase de reorganização que terá de culminar com o reerguer duma nova célula, o inimigo é claramente a direita. Desta forma conseguimos influenciar a necessidade dos revolucionários não abdicarem de nenhuma frente de combate à direita e não deixar esse terreno nas mãos dos reformistas. Assim das perspectivas iniciais de a UEC ser a única força de esquerda a candidatar-se com lista própria, lutámos pela constituição duma lista unitária "dando" 40% à UEC.

No ISA (Agronomia) a situação apresenta-se muito favorável não só para as forças de esquerda em geral mas também para o nosso Partido em particular, cuja célula se encontra num momento de alargamento e começa a ganhar capacidade de intervenção de massas.

Nesta escola para estas eleições conseguiu-se estabelecer uma plataforma de entendimento entre o nosso Partido, independentes, a UEC e a UJCR! para derrotar a direita que hegemoniza a AE. O processo de constituição da lista para a AR iniciou-se num momento em que a UEC entabulou conversações com a nossa célula quanto à possibilidade de constituição duma lista conjunta connosco e independentes deles, obviamente. A nossa posição desde início foi-lhes afirmado que só participaríamos numa lista de unidade ampla, o que implicaria abrir a lista à UJCR e aos independentes. Ao mesmo tempo a UJCR convocava reuniões abertas na base de um manifesto para elaboração de uma lista unitária. A nossa participação nestas reuniões assim como a da UEC criou as condições para apresentação duma plataforma comum, plataforma essa que encerra naturalmente, graves contradições.

Esta lista deve conseguir entre 9 a 12 lugares (em 20 possíveis) e nos 10 primeiros estão 2 camaradas nossos (terceiro e quinto) um independente pró-MES, 2 UEC, 1 UJCR e 4 independentes.

A partir de agora a nossa tarefa principal é tomar a iniciativa para a formação de uma lista de unidade na mesma base para a AE (finais de Fevereiro/princípios de Março)

INDICAÇÃO ÀS ESTRUTURAS

Para a análise rigorosa da correlação de forças nas escolas torna-se um meio importante e concerteza um indicador precioso, a análise política a desenvolver pelas estruturas partidárias sobre os processos em que participamos e também sobre aqueles que nos unicamente informações dos resultados. Neste sentido A CP/CN decidiu que os SECRETARIADOS do PORTO e LISBOA deveriam elaborar essa análise em termos regionais, assim como camaradas responsáveis de Coimbra. Deverá haver a preocupação de não fazer só a análise esquecendo os dados estatísticos escola por escola, do número de votantes e percentagem de relação aos eleitores; o número de votos das diversas forças e percentagens; a composição de cada Assembleia de Representantes, em termos numéricos e percentagem; e não esquecer os professores e os funcionários.

Os camaradas deverão também aproveitar para enviarem todos os programas que sairiam das diversas forças e das listas em que participamos terem a preocupação de enviarem em maior quantidade.

O PARTIDO
É COMILITANTE



Este texto da responsabilidade de um camarada da célula do ISE representa um contributo para a colocação correcta da importância da militância revolucionária. Não é ainda um produto da discussão colectiva da célula sobre a necessidade da autonomia política individual no seio do colectivo partidário, discussão esta que se encontra apenas esboçada. É, apesar de tudo isto um ponto de partida importante para a discussão política alargada que devemos continuar e aprofundar após o nosso III Congresso, em torno dos caminhos do futuro do nosso Partido a caminho da sua transformação numa organização comunista da construção do Partido Revolucionário da Classe Operária e do homem novo, do militante comunista:

"É nas horas difíceis que se forjam os militantes consequentes. Os dias que temos enfrentado e os que daqui em diante se seguirão são dias que vão exigir de cada um de nós, o máximo das nossas capacidades, o máximo da nossa militância revolucionária.

O que penso que é fundamental neste momento é a coesão interna da nossa célula, a confiança no nosso trabalho, confiança essa que por vezes temos perdido, desanimando, deixando cair os braços.

Teremos que ter sempre presente que aquilo que nos é exigido neste momento é bastante. Teremos que ter sempre presente que somos uma organização pequena com pouca implantação e influência de massa, e enfrentando uma situação política extremamente desfavorável. Teremos que fazer frente a organizações com um peso organizativo enorme, com um aparelho oleado capaz de responder a todas as solicitações; teremos de lhes fazer frente sendo o que somos! Teremos que fazer da nossa coragem, da nossa militância os instrumentos essenciais para vencermos. E venceremos!

Venceremos se cada um de nós assumir a responsabilidade de ser um militante revolucionário, um militante comunista. Se cada um de nós souber que a nossa vitória não está nas mãos deste ou daquele, desta ou daquela estrutura, se soubermos que a vitória está dentro de nós, e que a Revolução também dia a dia se faz dentro de nós. Continuando as nossas opções, varrendo as concepções incorrectas, os vícios adquiridos, afastando com determinação os sentimentos individualistas pequeno-burgueses que herdamos da nossa origem de classe, aprofundando a nossa ligação às massas, sentindo cada vez mais "interiormente" as aspirações libertadoras dos explorados, assumindo o Partido como um todo do qual nós somos um elemento fundamental, e o qual representamos não só perante as massas, mas também perante

os camaradas na célula, perante nós próprios.

A situação neste momento é de facto difícil. No entanto momentos mais difíceis já o MES viveu em Económicas e foram superados. Momentos esses que talvez nem nós próprios nos tenhamos apercebido, o que significa que se neste momento nos preocupamos, se neste momento prevemos as dificuldades que teremos de enfrentar, então isso é bom, então é porque não estamos mortos, é porque seremos capazes de levar por diante as tarefas que é nosso dever revolucionário cumprir.

A nossa célula tem de facto mostrado capacidade de o fazer. Penso que com algumas contrariedades (poucas) que até agora têm existido, o momento ~~viva~~ que a nossa célula atravessa é um momento alto. É um momento alto embora sejamos capazes de fazer melhor e estejamos ainda extremamente longe de onde poderemos e deveremos chegar.

A generalidade dos camaradas têm de facto demonstrado a sua vontade decidida de meter mãos ao trabalho, levantando a nossa acção em Económicas, conscientes de que isso não representa senão a vontade inquebrantável de erguer o MES, de lutar pela construção partidária, numa fase também difícil do Partido.

Não sei bem o que me faz escrever este texto.

No entanto necessitava dele. necessitava de o escrever, não para me autoconter vencer de meras ilusões, mas para fazer um pouco a balanço deste início de ano, no final de um dia onde eu próprio falhei, onde eu próprio não tive coragem e me faltou a confiança. Escrevi este texto não a pensar em mim, e mesmo quando o fiz, pensando naquilo que a minha acção representa para todos nós e para o Partido, escrevi este texto porque penso que devemos ter confiança, devemos contar com as nossas próprias forças, devemos estar conscientes daquilo que somos capazes de fazer, mas devemos ter confiança, e a confiança é contagiosa. Um revolucionário não pode ser pessimista! Deve encarar os problemas bem de frente e ter a coragem de ser consequente e ousar resolvê-los.

Devemos ainda ter sempre presente o amor e o carinho que devemos dedicar ao nosso Partido!

VIVA O MES !

VIVA O COMUNISMO!

AO TRABALHO!

ÚLTIMA HORA: A LISTA APOIADA PELO NOSSO PARTIDO
E CANDIDATA À A.R. de Agronomia CONSEGUIU 9 lugares
contra 7 do PPD e 4 dos fascistas!

NOTA FINAL: ESTE "EPC" deveria ter chegado no dia 30/1/78,
a todos os núcleos e regiões de trabalho! No entanto as dificuldades
técnicas e financeiras foram enormes o que atrasou a elaboração do
nosso boletim em cerca de 10/15 dias! A realização do comício de
encontro do nosso IIIº CONGRESSO TAMBÉM O ATRASO.
CAMARADAS TORNA-SE URGENTE A ACTUALIZAÇÃO DAS DÍVIDAS AO EPC !!